

PONTO VÍRGULA

DIÁRIO
de Notícias

Levada
Solidária | P. 6

A um passo
de Marte | P. 5

A Magia do Natal
em Santana | P. 8



Trabalho coletivo, 12.º 6, EBS de Machico

N.º 4

VI série

janeiro

2021

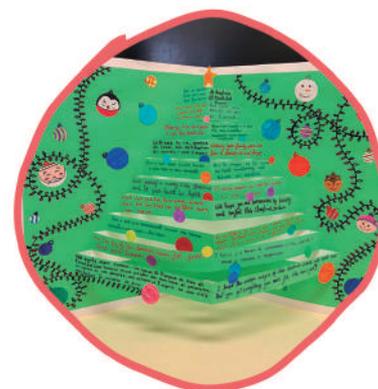
EDUCAÇÃO



@PVnaEscola

Relações Humanas em Tempo de Pandemia

Como todos sabemos, os tempos que correm têm-nos afastado, cada vez mais, impossibilitando os afetos e o carinho, especialmente para com os nossos idosos. Assim sendo, a nossa turma elaborou um postal de Natal, no âmbito do projeto de Cidadania e Desenvolvimento, em articulação com as disciplinas de Francês e Inglês, com o intuito de trazer alguma alegria e esperança aos utentes do Lar de Santana. Desta forma, na impossibilidade de o oferecer pessoalmente aos idosos, simpaticamente, Mónica Ascensão, representante da instituição, veio à nossa escola para receber este presente elaborado com muito carinho por todos nós. Agradecemos a sua presença e por ter, de forma sucinta, referenciado o papel e as diferentes valências da instituição.



Turma 11.º 1

EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)

[Sou Mulher]



Adnil

When there's nothing left to do

Escondias-me dos meus desejos. Sobre a minha mente colocaste um manto e abafaste a minha voz. Tentava gritar e com os teus lábios cobrias os meus, impedindo-me de me expressar. As lágrimas corriam, escapavam-me dos olhos freneticamente, nelas transbordava o pedido de socorro, transbordava a opressão, a tristeza de uma mulher que não podia agir sem ser submissa ao sexo oposto. Tentei manifestar-me. De ti, eu me tentei afastar, porém, fui enjaulada mentalmente. Trancada num porão, onde a minha mente conheceu a solidão, a melancolia, foi onde entendi que era um pássaro com as asas cortadas, sem poder voar rumo à minha liberdade. O meu coração está esperneando em angústia.

Tento encontrar uma saída, uma porta aberta, uma janela por onde possa escapar e criar asas. A adrenalina e a euforia começam a saltar-me do peito, necessito escapar, preciso de me libertar, abrir o meu coração e deixar os meus sentimentos manifestarem-se.

És a ancora que me empurra para o fundo, tento elevar-me e puxar-me, quero conhecer a minha própria autonomia. Com as tuas garras, arrancas-me o poder de me exprimir, estou-me sentindo sufocada, cada letra, palavra, sílaba ou ditongo que tento proferir prendem-se e sinto-me a afogar cada vez mais nas minhas palavras. Tentei pintar-me das cores que em mim modelaste, porém, não fui feita para te esperar na cama, não fui feita para te preparar o jantar todas as noites e nem para te passar a roupa a ferro todas as manhãs. Sou Mulher, quero e necessito correr livremente pelo mundo fora; está na hora de deixar as minhas asas expandirem-se e de voar em direção à minha felicidade, onde não haja corrente nenhuma que me prenda a ti.

Eu amo-te, porém, amo mais a minha soberania.

Soraia Fernandes
EBS de Santa Cruz

Editor... ...por um dia



Toda a minha vida amei a tecnologia e, com apenas 7 anos, já sabia que a informática seria a minha grande paixão. Por isto, adorei ir ao local onde ocorre a “magia” do PV, pois os colaboradores utilizam diversos programas especializados para realizar o seu trabalho. Gosto de aproveitar as novas oportunidades e as experiências que a vida me oferece constantemente (mesmo que às vezes não queira), sempre tendo em conta a importância das mudanças, pois, tal como diz Luís de Camões: «Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades. Muda-se o ser, muda-se a confiança. Todo o mundo é composto de mudança.» Ser editor por um dia foi uma experiência que amei imenso. A oportunidade de participar neste projeto e de conhecer a equipa que trabalha constantemente na edição do “Ponto e Virgula” de cada mês é simpática e atenta em todo momento. Com esta experiência, em particular, consegui perceber o difícil que pode ser este trabalho.

Mesmo com a constante pressão sobre nós para publicarmos o melhor conteúdo possível dentro do prazo, posso dizer que é muito interessante, pelo desafio que representa.

Nesta edição, recomendo, de forma especial, o artigo ‘Da Guiné à Madeira’, onde podemos acompanhar o relato de um rapaz que teve a oportunidade de vir para a nossa ilha. Relembra-nos quão difícil pode ser a vida, mas sublinha que o importante é nunca desistirmos e ficarmos agradecidos com aquilo que temos. Concordo muito com a sua opinião, pois, à sua semelhança, eu também sou estrangeiro na Madeira. Finalmente, gostava de expressar a minha gratidão à equipa do PV e de passar a mensagem de que nunca devemos desistir de nós próprios e que, ao confiarmos em nós mesmos, podemos conquistar o mundo.

Daniel Costa
EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral
(Santana)



Da Guiné à Madeira

Chamo-me Mussá Camará, nascido a 23 de agosto de 2003 numa pequena região da Guiné-Bissau. Até aos 6 anos, as poucas coisas de que me lembro é de ajudar os meus pais no trabalho. Embora fosse de uma família humilde, nunca me faltou nada.

Recordo o meu primeiro dia de aulas. Foi na minha terra natal – Bissora-oió – onde vivia com os meus pais, irmãos, tio e outros parentes. Aí estudei até ao 8.º ano, depois concluí a escolaridade em Bissorã.

Em 2016, fui selecionado para fazer um estágio, tinha 13 anos e fui para o Qatar, na Ásia. Na capital Doha, depois de ser avaliado, fiquei a jogar no clube de futebol Aspire Academy – centro de formação de atletas. Estive em formação durante quatro anos, durante os quais não vi os meus pais.

Em 2019, mais precisamente a 8 de janeiro, cheguei à Madeira, onde fui recebido pelo meu tio. 21 dias depois, comecei a frequentar a Escola Gonçalves Zarco, onde me senti acolhido e me encontro a terminar um curso profissional.

Gosto muito de jogar à bola. É uma das coisas que faço com mais agrado na vida. Jogo, atualmente, no Marítimo. Sou muçulmano, falo três línguas e ainda domino três dialetos da minha terra natal, a Guiné-Bissau.

Em Portugal, uma das coisas que mais me marcou foi a escola. No meu país, não há escolaridade gratuita para as crianças e jovens. Para frequentarmos a escola, os pais, as famílias, têm de pagar. Nós guineenses valorizamos muito os estudos e as aprendizagens: «Quem vai à escola é para estudar e aprender, não é para brincar».

Estou há seis anos sem ver os meus pais e a família mais próxima, mas isso está a ensinar-me como é a vida: «Aproveita quanto te dão, valoriza a presença dos teus pais e das pessoas que te ajudam a crescer».

Gosto muito da Madeira e de cá viver. Tem um clima maravilhoso, praias, montanhas, a natureza e paisagens deslumbrantes; mas o que mais admiro é a simpatia das pessoas.



Mussá Camará
EBS Gonçalves Zarco
(Funchal)

«No meu país, não há escolaridade gratuita para as crianças e jovens.»





iShare...

Um companheiro do nosso lado

Aquele que muitos maltratam e outros veneram,
aquele é um cãozinho, um companheiro.
Aquele que nos ouve, sem julgar,
aquele que nos ama sem hipocrisia.
Aquele, cujo amor é sincero,
aquele que espera pacientemente por nós.
Aquele é um cãozinho, um companheiro.
Um amor incondicional sem fim,
Que nos ama tal como somos,
com todos os defeitos possíveis e impossíveis.
Companheiro, para a vida...
que nos consola, que nos acompanha,
que nos faz feliz... que comunica só com os olhos.
Um companheiro, fiel... carinhoso,
um ser puro, cheio de luz,
cujo coração não foi tingido
pelas marés negras da sociedade.

Susana Abreu
EBS Gonçalves Zarco
(Funchal)



O projeto iShare nasce de uma proposta do Grupo Disciplinar de Inglês da Escola Básica e Secundária Padre Manuel Álvares, em 2013, integrando atualmente quatro docentes de Inglês e Filosofia. Surge como forma de participar ativamente na colmatação das necessidades sentidas pela Comunidade em tempos de crise, e também como **forma de educar para um consumo responsável**, sensibilizando para a reutilização e outras práticas de sustentabilidade e para as preocupações ambientais.

Destes propósitos surge a loja social iShare, onde o dinheiro é proibido e que **partilha – com quem a visita – roupas e acessórios, brinquedos, artigos para o lar e outros artigos não perecíveis, produto das doações que, por sua vez, recebe da comunidade.**

Este projeto envolve não apenas professores, mas conta também com o inestimável trabalho voluntário dos alunos para as mais diversas tarefas (atendimento ao público, triagem/arrumação de roupa, participação em atividades e eventos organizados pelo projeto) e com a colaboração da Câmara Municipal da Ribeira Brava, que cedeu provisoriamente as atuais instalações da loja, num espaço contíguo à escola.

Neste espaço, a loja social iShare cumpre a sua missão de partilha e sinaliza ainda utentes e as suas necessidades, a que tenta responder através dos contactos que estabelece com particulares e empresas. Não raras vezes, o projeto sai da loja e desloca-se a várias localidades na tentativa de chegar àqueles que mais dificuldades têm em deslocar-se ao espaço físico onde funciona a loja solidária. São exemplo disso as zonas altas da Ribeira Brava (S. João, S. Paulo, Lugar da Serra), mas também localidades fora do concelho (Camacha).

A loja social iShare beneficiou já milhares de utentes de toda a região ao longo da sua existência e é, claramente, um projeto a acarinhar, estando a disponibilização de instalações mais adequadas a uma loja no topo das aspirações deste projeto.



Nelson Gonçalves
EBS Padre Manuel Álvares
(Ribeira Brava)



Concurso

Escolar

Se és aluno do
Ensino Secundário,
**participa na tua
escola!**



grande
ideia



Lourenço Coelho
Escola da APEL
(Funchal)

#Ilustração

#Fotografia

A literacia da alface



Daniela Lála
EBS/PE da Calheta

#Investigação Histórica



Festa da Nossa Senhora da Boa Morte

Nem toda a tradição tem necessariamente de possuir uma longa vida. Em 2004, na Boa Morte, uma pequena localidade do concelho da Ribeira Brava, iniciava-se a escrita de uma nova história, com a reconstrução de uma capela que outrora pertencera a um casal sem filhos. Após a morte de ambos, esta ficou para a Diocese e, com o passar dos anos e a falta de manutenção, acabou por ruir.

A população local sempre mostrou grande interesse na reconstrução da capela, mas a Diocese sempre se opôs. Com muita perseverança iniciaram, com o apoio de todos, a reconstrução tão ansiada. A vontade era tanta que, no espaço de um ano, com a ajuda do povo, a capela estava concluída. Para marcar esta conquista, fez-se uma festa que decorreu no segundo domingo de outubro de 2004. Desde então, celebra-se este feito no segundo fim de semana de outubro. No sábado, véspera da Festa de Nossa Senhora da Boa Morte, a festa inicia-se com a romagem ao sítio, pelas dezanove horas, e de seguida a Novena, normalmente às vinte. No domingo, há a missa da festa, geralmente às quinze, seguida de procissão. Uma curiosidade acerca desta história é o porquê de a capela ter o nome de Nossa Senhora da Boa Morte. Este nome foi atribuído pelo povo e deveu-se à admiração que sentiam por esta Santa, ao ponto de fazerem de tudo para que pudessem trazer de volta esta figura para a capela, que dá nome ao sítio.

Desde que a festa é celebrada, apenas uma vez houve festeiro, o que quer dizer que nos outros anos a festa aconteceu com a contribuição de todos os habitantes do sítio, o que mostra uma união e uma força de vontade enormes. Segundo o testemunho de Conceição de Sousa, comerciante do sítio e organizadora desta festividade, em tempos chegava a passar dias na cozinha com vizinhas a confeccionar broas, que posteriormente eram vendidas com o intuito de angariar dinheiro para a organização do evento. As pessoas juntam-se para ajudar em tudo o que é necessário para levar a cabo este arraial. Há barracas de comes e

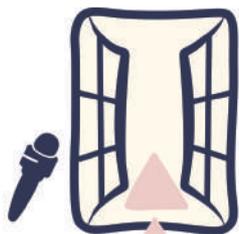
bebes, bandas musicais e muita animação. A festa da Nossa Senhora da Boa Morte já teve mais adesão. Antes era muito divulgada, na rádio principalmente, e vinham pessoas de longe, dos vários concelhos da ilha, pois acontece numa época do ano em que não há muitos arraiais, mas com o passar dos anos, apesar de igualmente divulgada, foi perdendo alguns dos romeiros e o seu devido reconhecimento. Resta a esperança por dias melhores. Devido à pandemia que o mundo está a enfrentar, a festa deste ano, com muita pena dos residentes de Boa Morte, teve de ser cancelada, como aconteceu com muitas outras festividades por todo o mundo.

Agora resta-me esperar que no próximo ano seja possível celebrá-la, uma vez que desejo conhecê-la melhor! Assim, posso constatar que nem todas as festas e tradições têm de nascer no século passado, é possível fazer história no presente!

Fonte:
Informações recolhidas *in loco*.
Depoimentos de Conceição de Sousa e Manuel Câmara



Carlos Eduardo Gouveia
EBS Padre Manuel Álvares
(Ribeira Brava)



#Reportagem

A Importância do Porto Santo como reserva da Biosfera da Unesco

Biosfera significa esfera da vida. São as condições ambientais em que se processa a vida animal e vegetal da Terra. Ao longo do tempo, milhares de seres vivos provenientes da região mediterrânica e do continente africano foram ocupando a ilha do Porto Santo, tornando-a mais rica e completa a nível biológico.

Antes da sua "descoberta", a ilha apresentava uma vegetação onde abundavam o dragoeiro, o zimbreiro, o massaroco e a figueira-do-inferno, por exemplo. Com a presença e a intervenção do Homem na natureza, as práticas agrícolas intensivas e o corte excessivo de árvores, criou-se um desequilíbrio no meio ambiente, onde nem todas as espécies se conseguiram adaptar.

A regeneração dos recursos naturais não conseguiu acompanhar o acelerado ritmo de exploração. O resultado foi a escassez e o desaparecimento de algumas espécies. As condições particulares da ilha também influenciaram o ciclo de vida dos insetos que, sendo poiquilotérmicos, se adaptaram de diferentes maneiras a estas condições, formando pragas ou desaparecendo.

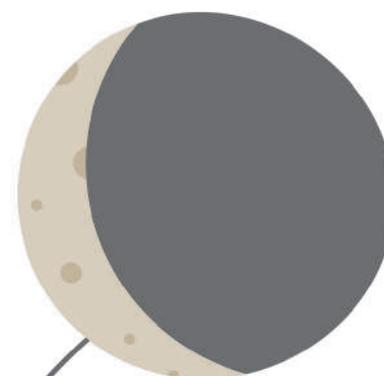
No que diz respeito à flora, o território acolhe 69 táxones de plantas vasculares endémicas: 15 exclusivas do Porto Santo, 28 endémicas da Madeira e 26 endémicas da Macaronésia, entre os cerca de 536 táxones identificados.

Devido ao facto de a flora estar associada à vegetação, a importância de ser preservada é vital para o ser humano. Sem a flora, não é possível o cultivo e a colheita de alimentos, o habitat natural dos animais desaparece e, conseqüentemente, várias espécies entram em vias de extinção. Em função disso, os cuidados com os biomas devem ser uma preocupação constante por parte de todos os porto-santenses.

A importância da Biosfera no Porto Santo relaciona-se com a conservação e a utilização de forma sustentável dos recursos naturais, o reforço da sua identidade, património, cultura e história. A preservação desta faz-se a partir do aumento do conhecimento, gestão e monitorização dos recursos e valores naturais. Tendo em conta que as atividades económicas mais relevantes na ilha são o turismo, a agropecuária e a pesca, observamos que todas possuem uma forte ligação aos recursos naturais, biodiversidade, paisagem e património e, por isso, temos uma responsabilidade acrescida na sua preservação. É justamente por este conjunto de razões que o Porto Santo integra hoje a rede mundial de reservas da Biosfera da Unesco. É uma grande oportunidade para esta ilha nem sempre afortunada.



Lara Ferreira
EBS Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco
(Porto Santo)



#Poesia

Somos um momento

Somos um momento.
Em breve, a luz baça da lua não
te lembra de mim,
e os meus minutos já não são contados
só para que o teu ser transborde de mim.
O coração mingua.
A ausência invade.
A minha voz,
embargada no fundo dos órgãos,
desafina...

Abrigo-me junto do desespero
como se abrigam as pessoas comuns
(e humanas),
quando tomba o primeiro rasto de chuva.
A razão não sabe educar a alma.
Essa alma que mudou de casa,
por amar.
E eu amei uma paisagem.

Matilde Brazão
ES de Francisco Franco
(Funchal)

#InvestigaçãoHistórica

Festa do Livramento na Ponta do Sol

As festas e as romarias estabelecem a identidade e a memória coletiva de um povo, fazem com que ele se reconheça e se diferencie dos demais. As festas têm motivos religiosos, mas são também de caráter profano e, por isso, refletem o espírito tradicional de uma região, o esplendor e entusiasmo do seu povo. Este que «ajoelha e reza, come, bebe e folga.»

No concelho da Ponta do Sol, a festa mais conhecida é a do Livramento. A origem histórica da devoção à Senhora do Livramento leva-nos até ao séc. XVI, ao período da União Ibérica. Rodrigo Homem Azevedo foi preso pelo Duque de Alba por ser um fervoroso defensor da Pátria e recusar prestar homenagem ao rei Filipe II, de Espanha. A sua esposa, que era uma grande devota, sonhou nove noites com Nossa Senhora, que lhe dizia «Não te preocupes, eu que tudo posso, o livrarei. Se puderes, (...) edificar-me-ás uma casa.» No final da novena, entre todos os detidos, apenas Rodrigo Homem voltou para casa. Assim, o nobre mandou esculpir uma N.ª Sr.ª de acordo com a descrição da sua esposa. Devido às palavras "Eu o livrarei", foi-lhe dado o nome de Senhora do Livramento.

A devoção aparece na Madeira no séc. XVII e espalhou-se pela ilha, com a construção de inúmeras capelas, tal como aconteceu na Ponta do Sol no ano de 1656, por Diogo Ferreira de Mesquita e sua esposa Isabel de Meneses. Desde então, presta-se homenagem a esta Virgem.

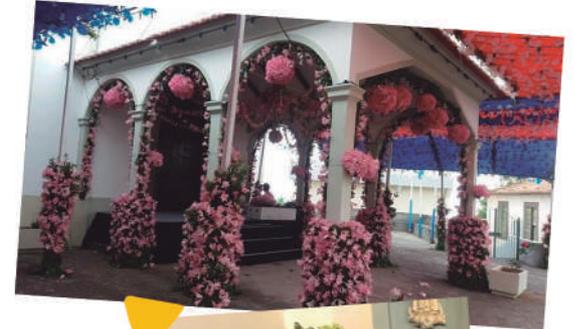
A pitoresca tradição é celebrada na primeira quinzena de outubro e conta com múltiplas tradições regionais. Mas o que a torna única na região é o cortejo das Açucenas.

As delicadas flores, que brotam do solo nos lugares mais húmidos após as primeiras chuvas, eram apanhadas nas serras do Loreto, no Arco da Calheta, na sexta-feira anterior à festa, por raparigas e rapazes solteiros. Estes viajavam a pé durante quatro horas até à capela com as Açucenas para a ornamentarem. Pelo caminho divertiam-se e, à chegada, as ruas enchiam-se de alegria. Sobre o significado desta flor na festa, não encontramos referências bibliográficas e as fontes orais são inconclusivas. Avanço a hipótese de que a Açucena, na tradição cristã, representa pureza, castidade e feminilidade, sendo associada à Virgem Maria. Ainda pode significar saudade, tristeza por um amor perdido. Será esta a razão pela qual a tradição coloca os jovens solteiros a apanhar as flores e a oferecê-las à Virgem por rogo ou agradecimento? A Açucena, na antiguidade, tinha fins curativos e por este motivo poderá também estar associada à Senhora do Livramento.

Esta festa ainda é dos arraiais mais concorridos em toda a ilha, uma tradição a preservar.

Bibliografia

Gama, Manuel da Encarnação Nóbrega de (2014), Dicionário das Festas, Romarias e devoções da Madeira, Funchal.
Pereira, Eduardo C.N. (1989), Ilhas de Zargo, Funchal, Câmara Municipal do Funchal.
<https://www.simbolos.com.br/acucena/amp/>



Lúcia Sousa
EBS da Ponta do Sol

#Reportagem

Uma oportunidade social no contexto de cultura musical

Os habitantes da Madeira encantam-se pela música desde sempre. As histórias antigas dão conta de inúmeros arraiais religiosos em que os muitos instrumentos – como violas e guitarras, unificando-se a tambores e bombos – dão origem à música tradicional madeirense. Deve também ser mencionada a música que nos é brindada pelas bandas filarmónicas da região.

As bandas filarmónicas são instituições vistas por muitas pessoas como "uma escola de vida", uma vez que, para além de serem eloquentes centros de aprendizagem musical, de onde se formaram e formam bons instrumentistas, são também centros de aprendizagem de valores, hábitos de trabalho, socialização. De certa forma, podemos similarmente afirmar que nelas também se formam pessoas.

Na verdade, podemos ainda afirmar que todo o trabalho envolvido, e muitas vezes desvalorizado (aprender, estudar, remirar e aplicar), não é apenas pontual. Serve para apurar as responsabilidades, a perseverança e a dedicação, um oportuno centro de evolução pessoal, o que torna, na minha opinião, este núcleo cultural tão importante. Para além de que se estabelecem relações sociais e se adquirem capacidades que, de outra forma, seriam muito difíceis de obter, como participar ativamente na cultura, por exemplo. É também um ponto de união entre várias gerações, uma vez que os integrantes de uma banda podem ter muita ou pouca experiência musical e pertencer a diferentes faixas etárias, assim como estabelecer conexões com outras culturas, através de intercâmbios, por exemplo.

Segundo Armando Santos, atual maestro da Banda Municipal de Santa Cruz, «A Banda Filarmónica é uma instituição de cariz popular, que vive das vivências e experiências de todos os seus elementos. A interação e a negociação constantes entre todas as partes integrantes da banda proporcionam um crescimento e um amadurecimento dos seus músicos que em nenhum outro sítio se encontra. Esse crescimento tem como base a experiência e as vivências dos mais velhos e também o respeito mútuo que é necessariamente exigido nas relações entre as pessoas que compõem a banda filarmónica, seja nos corpos diretivos, na sua escola de música, com os músicos, com os associados, com os simpatizantes, etc. As bandas sempre foram e sempre serão uma escola de vida para todos os que tenham a possibilidade de as integrar, marcando para sempre as suas atitudes e valores. Só assim se explica que a maioria das bandas filarmónicas já tenham ultrapassado o centenário da sua existência.»

Jacinta Melim
EBS de Santa Cruz





#Fotografia

Madre de Louro



#Poesia

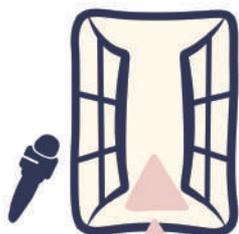
O Mar

Neste sítio especial onde podemos estar bem connosco,
Que nos inspira de várias formas e felicidades.
É aqui que sonhamos bem alto com os nossos pensamentos,
Alegrias e paixões eternas.
Quando o vemos à luz do luar,
Podemos imaginar a nossa vida numa perfeita tranquilidade.
Em que o mundo faz sentido e harmonia num só espaço.
Onde podemos ser nós mesmos e ter a vida do nosso lado.
Nele existem criaturas maravilhosas e um mundo por descobrir.
Quanto mais o descobrimos, mais estamos perto de uma nova aventura.
Não importa com quem estamos,
O que interessa é estarmos em boa companhia para esta nova emoção.
Acredito que quando olhamos para ele,
Podemos sentir a sua presença de uma maneira inexplicável.
Sentimos que estamos a voar sem ter asas,
Em que a nossa liberdade chega aos nossos corações.
Às vezes pensamos que a nossa vida chega ao fim.
Mas quando estamos perto dele,
Sabemos que nada nos pode impedir o nosso destino.

Lara Gomes
EBS Gonçalves Zarco
(Funchal)

Matilde Fernandes
EBS/PE/C do Porto Moniz





#Reportagem

Uma oportunidade no mundo do automobilismo Explorar distintas vivências e perspetivas

Se existisse uma oportunidade que eu gostaria de ter seria a de me aventurar neste incrível mundo do desporto motorizado. Contudo, impõe-se a questão: como ser um verdadeiro piloto? Supostamente deveria iniciar-me numa idade mais precoce, pois são precisos anos de experiência para saber pilotar. Jovens pilotos começaram as suas carreiras no *Karting* com cerca de 4 anos e daí foram evoluindo, até chegarem aos carros mais rápidos, nas categorias mais altas. Sendo mais velho e almejando entrar neste universo, questionei o meu tio que é mecânico, o Senhor José Ferraz, bem como o Piloto André Roque.

A primeira questão colocada ao meu tio foi no sentido de saber o porquê do automobilismo, e destaca-se a tal paixão que já vem da infância e que se alimenta pela proximidade à população, pois as provas de automobilismo que acontecem na nossa ilha passam nas ruas, perto de casas. «Ir para a rua, sentir os barulhos destas máquinas a atingir velocidades extremas, o cheiro de borracha queimada. Depois foi

só seguir os meus sonhos. Participo neste mundo fantástico a fazer o que gosto.» Em seguida, importou saber qual é a principal diferença entre um automóvel comum e as máquinas de competição, assentando esta na velocidade. «Como em qualquer desporto, o automobilismo precisa de ter um fator de espetáculo, para que possa atrair fãs. Logo, os carros são modificados para que possam ser mais rápidos, mais barulhentos. E não podemos ver carros destes a andar pela rua, a fazer barulho e a dar espetáculos todos os dias, logo, ganhamos uma certa atração por eles.» Persistindo, perguntei ao piloto de *Rally* como é que também poderia tornar-me um, sublinhando que «normalmente começamos pelo *Karting*. Carros não tão rápidos para aprender o básico.» No entanto, é preciso talento, havendo programas que ajudam, como o da Renault, no Circuito de Paul Ricard. «Pelo preço pedido, ensinam desde o básico até ao extremo da competição, e se

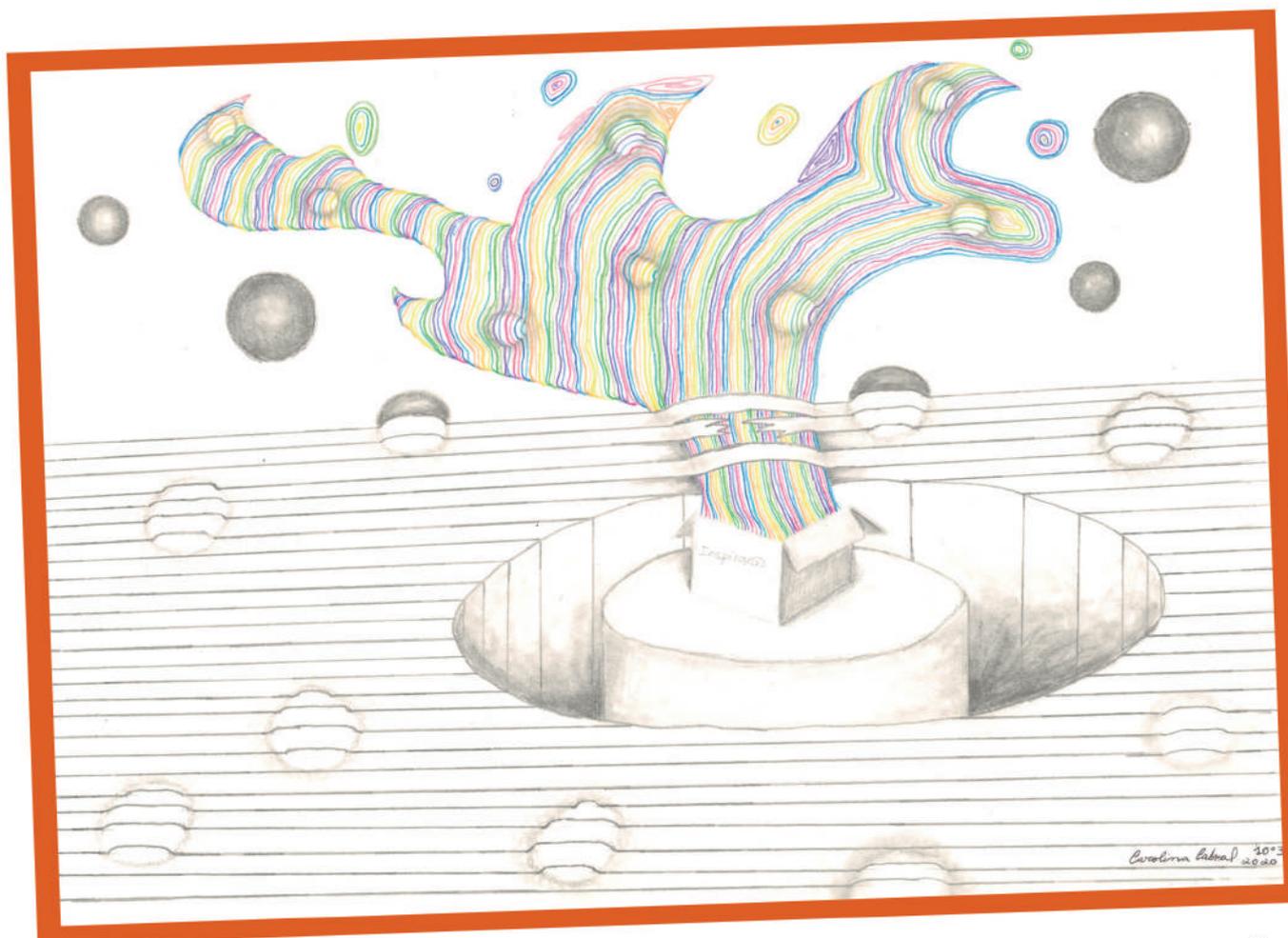
fores rápido podes entrar no radar de uma equipa da Renault nos campeonatos em que ela participa. Começavas nessa equipa e depois podias ser contratado para equipas melhores, à medida que ganhavas mais experiência.» Desde aulas de como acelerar e travar até aulas mais complexas, como dinâmica de pista, em menos de um ano a Renault possibilita a entrada dos seus jovens pilotos na competição.



Leonardo Ferraz
EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas - Carmo
(Câmara de Lobos)

#Ilustração

Inspiração para a felicidade



Carolina Cabral
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)

#Conto

A coroação

Angel. Lily. Apesar das inúmeras alcunhas da princesa Angelina, a verdade é que todos sabiam o nome da rapariga de longos cabelos loiros, com caracóis sempre adornados de pequenas flores que a própria colhia.

Desde pequena, as rotinas aprisionavam-na, exceto quando madrugava: às escondidas, partia para a floresta no seu cavalo negro e voltava para o castelo ainda adormecido.

Certa manhã, quando regressava a casa sorrateiramente, Angelina deparou-se com o rei deitado na cama, rodeado de amas preocupadas. – Minha filha, anda cá! – disse o seu pai, com um tom de preocupada ternura na voz.

Angelina aproxima-se da cama e segura a mão do pai, expectante.

– Aconteça o que acontecer, aceita a coroa que te será dada. A tua mãe querê-lo-ia também. Foi para isto que nasceste.

Após esta última frase, dita quase inaudível, o seu pai partiu. De repente, Angelina sente o seu corpo agarrado por tantas mãos, levantado do chão e levado para o seu quarto. Dezenas de amas lavam-lhe a cara, vestem-na vezes sem conta, experimentam diferentes pares de sapatos nos seus pequenos pés, arranjam-lhe o cabelo e arrancam as margaridas brancas dos seus caracóis. Angelina apercebe-se de que está a ser preparada para a sua coroação, quando vê a coroa de seu pai à sua frente, pousada numa pequena almofada vermelha. *Aceita a coroa. Aceita a coroa que te será dada.* As palavras de seu pai ecoam na sua cabeça. Mesmo que Angelina quisesse fugir agora, o controlo à sua volta era tanto que nem o seu corpo lhe obedecia. Algumas horas depois, Angelina vê-se sentada numa luxuosa cadeira no salão onde, dentro de breves momentos, será coroada rainha de Gardénia. Na sala abafada, Angelina sente a brisa do orvalho nas suas encarnadas maçãs do rosto! Os olhos, incapazes de ver os ilustres candelabros distribuídos pelo robusto teto, vislumbram os altos pinheiros e carvalhos que dão vida à floresta onde esta viajante aprisionada é livre. Quando o momento da coroação chega, Angelina empurra todos estes pensamentos para o grande nó na sua garganta e substitui-os pelas palavras de seu pai. *Aceita a coroa. Aceita a coroa que te será dada.* Mais uma vez, estas palavras ecoam como o grito de uma águia nas montanhas mais altas da terra. Uma águia! Uma águia era tudo o que Angelina queria ser, para voar por cima do mundo e ser livre, sem obrigações, sem rotinas, sendo o único luxo viver na natureza. Determinada, Angelina afasta-se do oficial que lhe imporia a coroa e olha para o público à sua frente.

– Eu vou aceitar a coroa – afirma confiante –, mas não esta. Os sorrisos secam as caras à sua frente e ouvem-se sussurros nervosos.

– Assim que pisei a floresta, aceitei uma coroa; não a que me tornará rainha de Gardénia, mas sim a da liberdade, e levá-la-ei comigo, para sempre.

Decidida, depois de uma breve vénia receosa perante o seu povo, parte a galope para a floresta, saindo dos portões do castelo pela última vez, pronta para sentir a relva nos seus pés descalços para o resto da sua vida.

Clara Figueiredo
ES de Jaime Moniz
(Funchal)

#InvestigaçãoHistórica

Festa do Senhor Bom Jesus da Ponta Delgada

Em 1466, Manuel Afonso de Sanha, colono de Braga, trouxe para as suas terras, na Ponta Delgada, o seu patrono, o Senhor Bom Jesus, erguendo uma ermida em sua honra, passando assim a devoção aos habitantes locais, à costa norte e posteriormente a toda a Ilha. A Festa do Senhor Bom Jesus é das mais antigas e tradicionais festividades religiosas da Madeira, daí que as primeiras referências à romaria da 'Corte do Norte' remontem a 1577.

O Senhor Bom Jesus, padroeiro da Ponta Delgada, celebrava-se a 1 de janeiro, época invernal pouco propícia a arraiais; sendo assim, as celebrações passaram para o primeiro sábado de setembro, véspera do Santíssimo Sacramento, atraindo centenas de romeiros às duas festas sinónimo da religiosidade madeirense.

A famosa romaria inspirou o ilustre escritor e filho da terra, Horácio Bento de Gouveia, a escrever que os habitantes de Ponta Delgada sempre tiveram um profundo sentimento religioso, tendo-se a devoção pelo Senhor Bom Jesus tornado uma realidade incontestável desde a segunda metade do século XV até aos nossos dias, sendo um dos principais centros de peregrinação da Ilha.

Segundo a frase bíblica, «Todos os que tenham sede vinde aqui beber», inscrita no poço dos romeiros junto à Igreja, todos os anos em setembro, centenas de fiéis, oriundos de todas as freguesias, confiantes na proteção de Deus, aventuravam-se numa longa e difícil viagem, tanto por mar como por terra, num verdadeiro ato de fé, para festejar o Senhor Bom Jesus.

Bibliografia:

Vieira, Alberto, Roteiro Para Uma Visita e Descoberta do Concelho de S. Vicente, Câmara Municipal de São Vicente, 1996.

Apesar da viagem ser arriscada, não existe memória de algum romeiro, dos muitos que aí acorriam em todas as estações do ano, ter corrido perigo, existe sim memória dos prodígios da onipotência do Senhor Bom Jesus. Após horas de caminho, os romeiros recuperavam espiritual e fisicamente do desgaste da viagem nas missas e na procissão, nas quais faziam ou cumpriam promessas, assim como no tradicional arraial. Chegando na véspera ou no sábado ao entardecer, os romeiros mantinham-se pela noite fora "debaixo da latada" a comer as tradicionais iguarias – espetada e bolo do caco – e a beber – poncha, aguardente e vinho –, a cantar ao despique com os acordes dos instrumentos populares, como o "brinquinho" e as castanholas, a dançar, assim como a percorrer as ruas enfeitadas de flores coloridas e luzes de Ponta Delgada. Atualmente não se percorre a pé caminhos e veredas, nem se navega, enfrentando os perigos do mar e da serra, nem se demora dias para chegar à Festa do Senhor Bom Jesus, pois as estradas, os túneis e os transportes propiciam uma viagem cómoda e rápida; no entanto, a fé permanece inabalável e está presente na multidão de romeiros que ora junto da imagem do Senhor Bom Jesus na Igreja de Ponta Delgada.

«Meu Senhor Bom Jesus,
Com amor e bondade,
Este ano eu venho aqui,
Para o ano mando saudades.»



Laura Abreu
EBS D.^a Lucinda Andrade
(São Vicente)

#Conto



A união da solidão

Numa aldeia remota, o dia nasce. No escuro da madrugada, há apenas uma janela com luz, e há muitos meses que assim é. Vivem-se tempos difíceis, está tudo fechado, tudo proibido. Da sua janela, o João distrai-se com as poucas estrelas que vão resistindo à claridade do dia. Um raio de sol bate-lhe na cara, lembrando-o que tem de se apressar a sair de casa, antes que os seus pais acordem. Pouco tempo depois, já se encontra a passear nas ruas desertas, sabendo que será o único a desgastá-las naquele dia. A esta hora, deviam estar todos de um lado para o outro, os bares abertos, as crianças a fazer fila para entrar na escola... A escola. O seu destino final. Cuidadosamente, saltou a vedação e dirigiu-se à janela da biblioteca que tinha ficado aberta, esquecida, como todos os livros que lá estavam. Era para aqui que se tinha escapulado desde que haviam encerrado tudo; os livros, a sua companhia. Com tudo o que aconteceu, os seus pais tiveram de ficar em casa a trabalhar e, desde que acordavam, só viam os computadores à frente. A hora do jantar era a única altura do dia em que estavam juntos e, depois disso, os olhos cansados fechavam-se para só se

abrirem no dia seguinte. O João passava o tempo a ler, e este era tanto que devorou todos os seus livros em dois meses. O aborrecimento começou a tomar conta dele quando percebeu que tinha de esperar que a única livraria da aldeia abrisse. Por sorte, num domingo em que tinha ido com a mãe à mercearia, reparou na janela da biblioteca e nunca mais se tirou de lá. Por esta altura, o João já está sentado num canto, com o livro que estava a ler, desde a véspera, na mão. Lia sobre um grupo de amigos que tinha decidido explorar o mundo. Como criança numa aldeia isolada, a viagem mais longa que tinha feito durou duas horas de comboio, o suficiente para chegar à cidade. Por isso, qualquer livro ou revista que falasse de um lugar qualquer era um bilhete de avião que o transportava para lá em poucos segundos. Curiosamente, este capítulo falava sobre a América Latina, onde as famílias estavam sempre juntas. Cozinhavam juntas. Passeavam juntas. Divertiam-se juntas. Tudo aquilo de que sentia mais falta... Quando deu por si, o sol já se punha. Correu rua fora e chegou a casa mesmo a tempo da hora de jantar. Passou o tempo todo inquieto e, antes de os pais irem para a

cama, chamou-os. Contou-lhes sobre o que tinha lido, das ideias que tinha de atividades para fazerem juntos. A excitação tomou conta dele e, em pouco mais de meia hora, já tinha reunido uma lista e distribuído as atividades: todos os dias, o silêncio à mesa seria substituído pela agitação das palavras sobre o que tinham feito ao longo do dia; aos sábados à tarde, iam dedicar-se à cozinha, experimentando novas receitas enterradas nos livros empoeirados da biblioteca; e decidiram que, aos domingos, passariam o tempo a jogar às cartas ou a ver um filme na televisão. Nessa noite, o João foi para a cama com um sorriso, tão brilhante como as estrelas que cintilavam no céu.



Juliana Erra
EBS de Machico

#Ilustração

A Mensagem



Cláudia Alves
EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral
(Santana)



A um passo de Marte

A oportunidade de conhecer o 4.º planeta mais próximo do Sol está cada vez mais perto.

Como é do conhecimento geral, o turismo espacial é uma realidade a dias de se concretizar. Acredito que a oportunidade de conhecer o planeta vizinho dar-me-ia uma diferente noção do papel do ser humano no mundo. O documentário 'Marte: Um dia no Planeta Vermelho', da National Geographic, leva-nos numa viagem interplanetária de 24 horas extremamente engrandecedora: a superfície do planeta vizinho é-nos dada a conhecer através de dados recolhidos pelo rover Opportunity e orbitadores. Além disso, podemos ficar a conhecer um pouco mais da história do planeta e das considerações feitas sobre ele pela humanidade ao longo dos tempos. Isto despertou em mim uma vontade: conhecer, de facto, Marte.

Os primeiros humanos a chegar a Marte terão de viver no subsolo devido à radiação solar intensa sentida na superfície do planeta, cujo efeito se traduz em fortes reações adversas. Além disso, a exploração espacial tem consequências diretas no corpo humano, como mutações de ADN, produção de novos sinais pelo sistema imunológico, ganho de novas bactérias microbianas e declínios cognitivos.

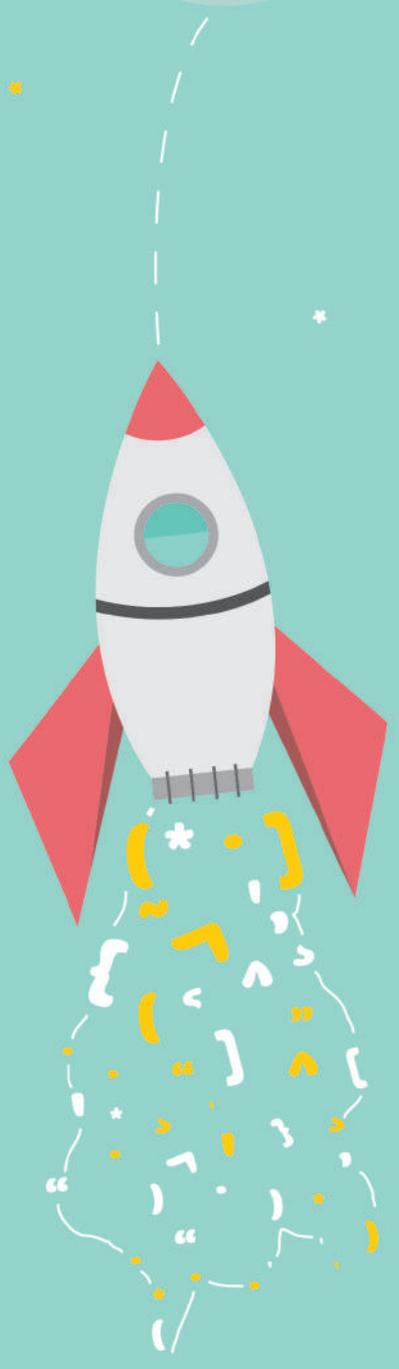
No entanto, também existem outros aspetos que fazem a experiência valer a pena: dá-nos a possibilidade de construir um "planeta B", caso não sejamos capazes de salvar a Terra da catástrofe das alterações climáticas, da qual nós próprios somos a causa.

Considero que ir a Marte dar-nos-ia, enquanto raça, a consciência de que a nossa casa é insubstituível e que o novo nem sempre é o melhor caminho. O planeta vermelho pode até ter paisagens únicas e irrepetíveis, mas possui diversos fatores que condicionam a vida humana em vários aspetos, como as tempestades de areia e a falta de água no estado líquido.

Carl Sagan, astrónomo e astrobiólogo, diz que visitar Marte é «a razão mais prática que se pode imaginar: permanecer vivo», mas o cientista Chris McKay discorda e diz que, «a sugestão de que os seres humanos podem encontrar refúgio em Marte depois de estragarem a Terra é ética e tecnicamente absurda». No que a mim diz respeito, acredito que ir a Marte é, sem dúvida alguma, a oportunidade de uma vida: percorrer algo nunca antes percorrido e que terá um impacto severo em qualquer vida. Talvez essa seja a experiência que nos falta.

Laura Mata

EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)



Novo ano: solo de mudança



Assim nos faz cativos dos segundos
o muro que outrora e nos hoje impede:
Fechou as cidades, trancou os mundos.
São agora os olhares: distantes, fundos...
(que o beijo não mais existe:
excede).

E a chama que em esperança
deflagra o recomeço
coloca, assim, um ponto final
na poesia já escrita,
inflamando ânimo e
impelindo o sopro humano
a reinventar-se.
Erguem-se muralhas,
no lugar dos escombros...
e, da semente das falhas,
que assim nos brote o sucesso!

Porque, enfim:

No contínuo remendar da vida,
no eterno cuidar do sonhar vontade,
se constitui o que depois em f'rida
se rasga e novamente sangra e arde
(tudo isto é distinta normalidade)...

É normal que a vida: um arder e apagar...
Nos sempre assim fira o tornar-se em cinza...
E embora o tempo seja um sofrer-demorar...
É nele que o viver se concretiza!

Matilde Brazão e David Pestana
ES de Francisco Franco
(Funchal)

Alunos de Machico no Fórum Internacional da Juventude de Jeju

No âmbito do Clube Europeu, três alunos da Escola Básica e Secundária de Machico participaram na 11.ª edição do 'Jeju Youth Forum', entre os dias 27 e 29 de novembro de 2020.

Este evento internacional anual fornece oportunidades aos jovens para fortalecer o seu espírito de cidadania global, discutir problemas a nível mundial e participar num intercâmbio cultural. Esta edição sofreu várias mudanças devido à covid-19, sendo uma delas a realização das atividades – dirigidas na ilha de Jeju, na Coreia do Sul – por videoconferência. No decorrer da iniciativa, cujos objetivos foram discutir o impacto do coronavírus na educação e os problemas do ensino à distância, o aquecimento global, resposta a crises de saúde pública e desenvolvimento de competências sociais, os alunos participantes formaram oito equipas diferentes, que trabalharam numa apresentação sobre tópicos fornecidos.

O último dia do evento foi marcado pelas apresentações dos trabalhos elaborados. Por fim, no que concerne ao intercâmbio cultural, foram transmitidos vídeos feitos pelos participantes, de forma a partilhar a sua cultura. Tais incluíram vídeos musicais, danças e curiosidades sobre as suas cidades. Os alunos ficaram com uma experiência intercultural que não poderiam ter obtido noutras condições.

Tiago Castro
EBS de Machico



Levada Solidária Partilha em tempos difíceis

Devido à atual situação pandémica, várias famílias viram os seus rendimentos seriamente afetados, o que prejudicou também alunos da nossa escola.

A comunidade educativa da EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva, face a esta situação, decidiu organizar uma recolha de alimentos e de produtos de higiene pessoal para apoiar diversas famílias carenciadas.

Várias turmas quiseram participar neste movimento solidário, não só contribuindo com bens materiais, mas também elaborando diversos cartazes que apelavam à solidariedade e à partilha. Desta forma, as portas das salas de aula encheram-se de mensagens e de cores com o único e simples objetivo de chamar a atenção para aqueles que mais precisam.



Eunice Santo Silva
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva(Funchal)

Direitos Humanos

Celebrou-se, no passado dia 10 de dezembro, o Dia Internacional dos Direitos Humanos. A Escola Secundária de Jaime Moniz promoveu diversas atividades, que ocorreram em contexto de sala de aula, e iniciativas *online*.

Realizaram-se debates, foram elaborados vídeos com depoimentos sobre o tema em questão, assim como produzidas diversas frases registadas em formato digital escrito. Estiveram envolvidos – nesta iniciativa promovida pelo programa Escola Embaixadora do Parlamento Europeu – o Clube Europeu, o Parlamento Jovem e a Escola UNESCO, assim como uma turma de 12.º ano, no âmbito do seu projeto de cidadania, na disciplina de Inglês.

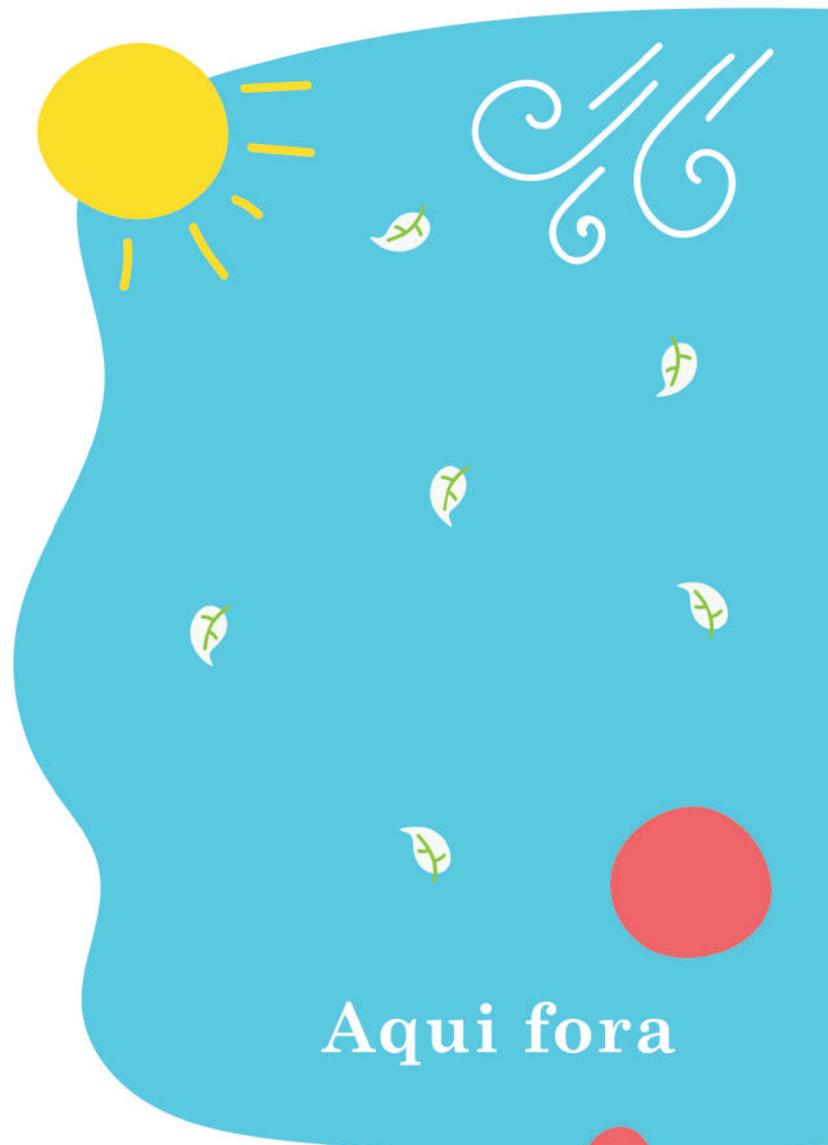
Os alunos participantes centraram as suas preocupações nos principais direitos, liberdades e garantias, na defesa da Terra e da sua qualidade de vida, na não-violência e na igualdade de oportunidades e de género.



Convite

Porque vivemos um quadro pandémico e por entendermos que o tema dos Direitos Humanos é cada vez mais relevante, convidamos a comunidade 'Ponto e Vírgula' a acompanhar a emissão 'Meia hora com o Ponto e Vírgula' de 23 de janeiro de 2021, que dedicaremos a este assunto. Escutaremos um tema original, composto por alunas da Escola, debateremos a letra e daremos voz a diversos membros da comunidade educativa. Divulgaremos ainda outras iniciativas, das quais destacamos 'Futures of Education', da UNESCO e o 'Madeira MUN', iniciativa do Parlamento Jovem. No ano transato, o tema proposto pelas Nações Unidas foi 'Recover better – stand up for human rights'. Muitas organizações, sobretudo a UNESCO e a UNICEF, têm lançado apelos mundiais no sentido da proteção das crianças, tão atingidas pelas consequências da covid-19. Vamos continuar a dar o nosso contributo!

Beatriz Encarnação e João Rodrigo Correia
ES de Jaime Moniz



Aqui fora

Aqui fora
Sinto o infinito.
Sinto o vento a bater no cabelo,
Sinto o calor acolhedor do sol,
Sinto tranquilidade,
Vendo as folhas das árvores a dançar com o vento
E os pássaros voando pelo céu fora.
Sinto-me feliz.
Mas sinto-me triste.
Porque queria ser o vento,
Queria ser o sol,
Queria ser um pássaro a voar,
Porque são estas as coisas que me transmitem felicidade.
Também eu queria transmitir felicidade
Por onde passo.
Mas não sou o vento que faz as folhas dançar.
Não sou o calor acolhedor do sol.
Não sou um pássaro que voa pelo céu.
Sou só uma pessoa
Que escreve aquilo que sente e o que vê
Aqui fora.

Mariana Sousa
EBS/PE da Calheta

'A Magia do Natal em Santana'

Um pequeno grande detalhe destas fotografias, que deve ser referido, é o facto de que a parte da frente de cada uma das máscaras foi feita à mão pelas correspondentes do PV da nossa escola, Ana Jaques e Liliana Silva. Assim, podemos observar uma rena, uma árvore de Natal, um Pai Natal e um boneco de neve.



Alunos da turma 2 do 10.º ano do Curso de Ciências e Tecnologias da EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)



+CRIATIVIDADE

Uma experiência musical...

O 'Prémio + Criatividade' continua numa viagem pelas artes (Música, Teatro e Dança). Rui Rodrigues, professor e diretor pedagógico do Conservatório – Escola Profissional das Artes da Madeira, Eng.º Luiz Peter Clode (CEPAM), elegeu a primeira vencedora desta série do PV, Matilde Brazão, da Escola Secundária de Francisco Franco, autora do texto 'Sim, caminhamos a passos largos, mas para que futuro?', publicado em novembro de 2020. Já familiarizada com esta casa, a autora – que também estuda no CEPAM – escolheu experienciar uma aula de piano sob tutoria do professor Robert Andres. Ao som do piano, a aluna tocou na escolha temática da sua obra. «Falei de Samuel Batsi, o professor que advogou a liberdade de expressão, o que lhe custou a vida.



É uma questão recorrente em vários países – não necessariamente nestes moldes, mas de muitas outras formas – e deveria ser mais debatida.» Acrescentou que o Prémio +Criatividade a motiva a escrever mais e a continuar a criar. «É evidente que a escrita não serve só para falarmos de nós próprios, mas também do mundo à nossa volta, e usarmos essa criação para tentar mudar mentalidades.» Ao finalizar, Matilde descreveu esta experiência como «verdadeiramente gratificante. Na verdade, eu toco violoncelo e, muitas vezes, o violoncelo é acompanhado pelo piano, portanto achei extremamente interessante.»

E a vencedora de dezembro é...

Beatriz Mendes – com o trabalho 'À procura de Mia' – conquistou o prémio '+Criatividade' da edição de dezembro de 2020 do 'Ponto e Vírgula'. A aluna da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol terá a possibilidade de viver uma experiência artística, orientada pelos professores do CEPAM, assim que a situação pandémica o permita. Não percas as próximas edições do 'Ponto e Vírgula' e fica a saber tudo!



A viagem continua e mais experiências se seguirão. Já sabes... põe o teu talento à prova e participa. O próximo '+Criatividade' pode ser teu!